AULAS DE GRAMÁTICA INTELIGENTE.

Rosane Reis de Oliveira (UERJ)

Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ)

darciliasimoes@gmail.com

A proposta deste trabalho está inserida nos moldes da iconicidade verbal (SIMÕES, 2009), teoria que, comprovadamente por projetos vários já concluídos (dentro e fora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), vem tornando menos subjetiva a descrição da estruturação linguística. A vinculação aos demais temas desta mesa, em que a análise de processos linguísticos é preponderante, foi motivada na necessidade de reformulação da prática de ensino da gramática da língua portuguesa (L1), procurando considerar a língua em uso dos falantes brasileiros. O ensino tradicional da norma gramatical não mais se basta. É preciso articular o conteúdo normativo (que é indispensável ao bom desempenho comunicativo-expressional dos sujeitos) às instruções de ciência — a Semiótica — que vem ganhando destaque no contexto da pesquisa internacional, dada a sua relação com os processos cognitivos. Vale acrescentar que nossa prática didática cotidiana no ensino médio tem testado e constatado a ineficiência do ensino da gramática tradicional com fim em si mesma. Para dar consistência de prova ao que se diz, exemplificam-se alguns conceitos que a gramática normativa apresenta com incongruências e regras sobre usos não ocorrentes da língua. A teoria gramatical imposta por gramáticos, que recorrem quase que exclusivamente à língua da literatura para estabelecer a norma, tem demonstrado certa displicência, uma vez que fazem citações com referência bibliográficas vagas ou até omissas e decantam o uso corrente do idioma. Sabemos que a literatura fornece material riquíssimo para a análise lógica da língua, mas criar um estudo crítico, comparado, entre a língua da literatura e a de uso, contrapondo as variantes diastráticas, diafásicas e diatópicas, é recomendado para que os falantes aprendam que a língua é fabulosa em possibilidades de construção do discurso. Essas questões dão testemunho incontestado da necessidade de adequar o ensino de gramática a novas práticas de

linguagem que decorrem da condição de pesquisadores intrínseca a todo professor de línguas vernáculas.